

Platão e a poesia

Dois conceitos básicos do tratamento platônico da poesia são *mimese* e *inspiração poética*.

(1) Mimese

Indica, em termos gerais, a relação entre algo que existe e algo feito para imitá-lo. Em Platão, refere-se a um leque extenso de acepções: linguagem mimética aplica-se não só às artes da poesia, pintura, música e dança, mas também à relação entre língua e realidade, entre o mundo material e as Formas eternas.

Na *República*, por exemplo, Sócrates considera a questão do tipo de literatura que os guardiões deveriam estudar. Em termos formais, diz, histórias e poemas narram acontecimentos passados, presentes ou futuros, e para tanto se valem tanto de *diegese* quanto de *mimese*, ou ainda de uma mistura de ambas. Diegese equivale à fala do poeta em sua própria pessoa; mimese é a fala do poeta na voz de um de seus personagens. Com base nisso, Sócrates divide a literatura em três tipos: uma utiliza somente mimese, como a tragédia e a comédia; outra, como o ditirambo, usa somente diegese ou narrativa; um terceiro tipo, exemplificado pela poesia homérica, emprega uma mistura de diegese e mimese – o poeta fala ora em sua própria pessoa, ora por intermédio de um personagem. Falar na voz de outrem, segue o raciocínio, torna quem o faz semelhante a outro não só em voz, mas também em caráter. Adotam-se gestos, trejeitos, olhares e até mesmo pensamentos, de modo que a mimese acarreta efeitos profundos no caráter de quem imita, seja ele poeta ou recitador.

O caráter, continua Sócrates, depende em boa parte do meio em que é cultivado. Se os jovens são cercados de imagens radicadas no bem e na beleza, absorverão o bem e o belo em suas almas. Poetas, portanto, assim como artistas e artífices, devem retratar apenas a imagem do bem em suas obras e evitar o feio e o mal. Quem lhes ditará o que pode ou não ser retratado são os governantes. Conclui-se que os potenciais guardiões devem imitar apenas homens bons e que devem imitar o menos possível, adotando o estilo misto de Homero, mas com dose pequena de mimese.

No interior da própria *República*, porém, a mimese é vista com ambivalência. Se no livro 3 diz-se expressamente que o poeta que imita a fala de homens bons é alguém aceitável num Estado bem governado, já no livro 10, quando se retorna ao tema da poesia, admite-se que excluir da cidade a poesia mimética é o mais razoável. Aqui se desenvolve a teoria platônica das Formas, segundo a qual há uma hierarquia metafísica descendente entre as Formas, o mundo sensível e as imitações do mundo sensível. O pintor, exemplo de mimese, é como uma pessoa que segura um espelho no qual se produzem reflexos do mundo sensível, que por sua vez são menos reais do que as Formas, as únicas que têm verdadeira existência.

Os poetas, assim como os pintores, estão condenados a mover-se no terceiro nível de realidade, e suas produções não passam de imitações de uma imitação da realidade, uma simples diversão inútil e potencialmente perigosa. A mimese, assim, pode ser avaliada de duas formas distintas, em termos tanto do objeto imitado (se bom ou mau) quanto da qualidade da imitação (o grau de semelhança obtido). Para Platão, a poesia contemporânea é malsucedida em ambos os quesitos, já que não apenas imita o tipo de comportamento errado, corrompendo a alma dos ouvintes, mas ainda é incapaz de produzir a verdadeira semelhança do bem e das outras qualidades morais. É de se banir do Estado ideal Homero e os demais poetas; restará a poesia que se adapte ao ditame dos governantes, com imitação exclusivamente do que é bom.

(2) Inspiração divina

Platão imagina que, ao compor, o poeta encontra-se num estado de transe, sem pleno controle de suas faculdades mentais. A criação resulta de influxo divino, não de conhecimento.

Na literatura grega antes de Platão, referências à inspiração divina são inúmeras. As Musas são requisitadas a fornecer o conhecimento necessário para o canto, para instilar doçura ao verso, para auxiliar na composição e na apresentação da obra. Mas nunca se sugere que o poeta é mero instrumento inerte nas mãos das Musas: a poesia é tanto uma dádiva divina quanto produto de sua própria arte e invenção, ou seja, não simples fruto irracional. Poesia é também técnica, e de fato o próprio poeta é retratado como um artífice por Homero, Píndaro e outros. A inspiração e a técnica não se excluem, antes estão intimamente associadas.

Há pouco espaço para a técnica, por outro lado, no diálogo *Íon* de Platão, um de cujos principais temas é a inspiração poética. A arte do rapsodo não dependeria da prática, da *tekhnē*, mas da força divina que emana das Musas, que inspiraria uma cadeia de pessoas possuídas pelo furor, pelo entusiasmo, da qual o rapsodo é o elo central. Poetas, rapsodos e público formariam uma corrente imantada por ação divina, que subjaz à comunicação poética. O poeta, este, só produz quando se despe da razão e se deixa possuir, como um coribante dionisíaco, pelo entusiasmo de origem divina, sendo pouco mais do que um porta-voz da divindade. É alguém passivo, e seu processo criativo é de natureza irracional, sem guardar nenhuma relação com a prática artística (*tekhnē*), pois resulta exclusivamente da inspiração. Isso é algo peculiar de Platão: segundo ele, os poetas não possuem o conhecimento daquilo que dizem, do respectivo tema de sua poesia, seja ela a medicina, a virtude ou as carruagens.

Se antes de Platão o conceito de inspiração divina era uma garantia da verdade do discurso, nele a inspiração sem a *tekhnē* é vazia, já que nega aos poetas a autoridade antes imanente aos seus discursos. A poesia em si não é necessariamente diminuída pela incompreensão dos poetas, mas a condição do poeta é posta em xeque: na *Apologia*, por exemplo, os artífices levam vantagem quando comparados aos poetas, pois possuem ao menos a habilidade técnica. Mas vale lembrar que mesmo a poesia é uma arte mimética, e quem a cultiva é incapaz de alcançar a verdade. O verdadeiro devoto das Musas, que se dedica à forma mais elevada de *mousikē*, são os filósofos. Mesmo Homero, modelo essencial da educação grega, haveria de ceder lugar ao novo sistema, no qual a poesia seria substituída pela filosofia, num Estado comandado pelo rei-filósofo. Nem Homero nem os demais grandes nomes da poesia grega teriam lugar nesse novo regime.

A poesia em Platão

Apesar de ver a poesia com suspeita, ou mesmo condená-la, talvez nenhum outro filósofo tenha se sentido tão atraído pela poesia como Platão. Há em seus diálogos numerosas referências e discussões sobre a poesia, e a própria forma dialógica por ele adotada exibe qualidades poéticas inegáveis. O paradoxo é evidente: Platão, de todos os filósofos o mais poético, bane os poetas de seu Estado ideal e condena a mimese, embora a técnica mimética seja fundamental em sua própria obra. Se, de acordo com Platão, as formas de discurso são duas – a *diegese* quando o autor fala com sua própria voz e a *mimese* quando fala pela voz de um de seus personagens –, todos os diálogos platônicos podem ser classificados como *mimese*, pois o filósofo jamais fala em sua própria pessoa. Mas como conciliar isso com a afirmação de que a mimese só deve ser utilizada com parcimônia ou mesmo abolida da sociedade ideal? Seriam as suas próprias obras também abolidas? Ou, embora poéticas, elas não devem ser consideradas poesia? No Estado ideal, segundo Platão, apenas hinos aos deuses e encômios aos homens bons seriam permitidos.

Aristóteles, na *Poética*, classifica os diálogos platônicos como dramas em prosa, e a fama é que Platão teria sido um aspirante a tragediógrafo em sua juventude. Mas por que, afinal, terá escrito na forma de diálogos? Antes de Platão não havia distinção entre debate “filosófico” e “literário” dos assuntos humanos; não havia a ideia de que alguns textos buscam a verdade, outros somente o entretenimento. Em sua própria obra, vários gêneros literários são reconhecidos como fonte de ensinamento ético, tais como: épica, lírica, tragédia, comédia, prosa científica ou historiográfica e oratória. E não havia um modelo de tratado filosófico em prosa à disposição do autor. A prosa tradicional era a dos tratados do *corpus* hipocrático e a dos escritos historiográficos de Heródoto e Tucídides.

Eram os poetas que, nos séculos 5º e 4º a.C., eram considerados os mais importantes mestres de assuntos morais, a fonte inesgotável de conteúdo ético. E havia também o fato de que, a crer em Platão, Sócrates não deixou nada escrito, por julgar que o valor da filosofia estava na interação entre professor e aluno, por meio de pergunta resposta, sendo que ao professor cabe direcionar o aluno para tornar-se mais consciente de suas próprias ideias, de sua visão de mundo. Mas Platão escreveu livros, e livros em que as críticas à obra escrita são incorporadas ao seu próprio escrito.

Seus diálogos são um tipo de teatro, mas ao mesmo tempo totalmente diferentes do teatro grego que conhecemos. Contêm duas ou mais vozes em interação, e o leitor é convidado a entrar nessa relação e sobretudo refletir sobre ela, tal como um espectador da tragédia é convidado a refletir sobre o sentido das ações quando comparado aos seus próprios valores pessoais. Isso exhibe uma notável diferença para obras anteriores, nas quais autores como Homero e Hesíodo derivam sua autoridade e sabedoria dos deuses. Platão, ao fazer uso da forma dramática, utiliza o debate para mostrar o desenrolar da comunicação e comunicar-se, por sua vez, com o leitor, que é impelido a tomar posição ativa no diálogo.

Platão: *Íon*

Mais curto diálogo platônico. Sua autoria já foi contestada (não é mais), mas a data em que terá sido composto ainda é discutida: primeira ou última fase da carreira do filósofo?

Tema: conversa entre Sócrates e Íon, que é aparentemente um dos melhores rapsodos de toda a Grécia, por volta talvez de 412 a.C. Trata-se de um ataque velado à autoridade dos poetas e, ao mesmo tempo, como defendem alguns, de um elogio dos poderes criadores da poesia, resultante da inspiração poética de fundo divino. Mas se for, de fato, um elogio, é um elogio ambivalente, pois a criação poética tem importância periférica num mundo ideal.

Rapsodos (*rhapsōidoi* ῥαψωῖδοί = ‘costuradores de canto’) eram recitadores profissionais de poesia, sobretudo dos poemas homéricos. Viajavam pela Grécia e participavam de competições e festivais, em busca de prêmios. A distinção entre bardos que apresentavam os seus próprios poemas e rapsodos que recitavam os poemas de outrem parece não vigorar em época arcaica e clássica. Hesíodo diz que ele e Homero cantaram em Delos “costurando cantos” (*rhapsantes aoidēn*); Píndaro refere-se aos homeridas, uma guilda de cantores de Quios cujos membros se diziam descendentes de Homero, empenhados em preservar e propagar sua poesia na condição de “cantores de palavras costuradas” (*rhaptōn epeōn ... aoidoi*). O próprio Platão, no *Íon*, faz referência ao bardo Fêmio como rapsodo (*rhapsōidos*).

Seja como for, Íon é obviamente um recitador de poesia homérica, que declamava seus textos de forma melodramática, sem o acompanhamento da lira, como o bardo tradicional. Trata-se do relato mais detalhado sobre as apresentações de rapsodos na época clássica. É possível que as

récitas, nessa época, fossem acompanhadas de comentários sobre o poema. Íon, no diálogo, faz duas tentativas de exhibir a sua capacidade interpretativa, mas Sócrates recusa escutá-lo.

Platão trata do *status* e do valor de poetas e poesia em vários diálogos. Em geral, sua opinião é que a poesia é fruto de certo furor (*mania* μανία), de inspiração divina (*entheos* ένθεος), e não da prática artística (*tekhnē* τέχνη). Talvez seja por isso que Platão retrate Íon como personagem pouco sério: trata-se de um imitador de um imitador, alguém ainda menos digno que os poetas, que imitam (= fazem a mimese) do mundo imperfeito e não devem ser admitidos no Estado que se quer bem governado.